

## Do tapete para a tela, e vice-versa



Calçada da Fama de Gramado ferveu com a presença diária de celebridades como a atriz Bruna Linzmeyer

Quando se pensa no Festival de Gramado, o tapete vermelho e a tela do Palácio dos Festivais têm a mesma importância. De fato, o festival desde sempre acontece nesses dois universos: a resistência e provocação criativa dos novos realizadores depende do *glamour* das celebridades na Rua Coberta para existir, e vice-versa. Na edição deste ano, talvez a comédia dramática *Querido Mundo* tenha sido a que melhor atuou para trazer gente famosa a Gramado: além do diretor Miguel Falabella, atores e atrizes como Malu Galli, Eduardo Moscovis, Marcelo Serrado e Danielle Winits estiveram na cidade serrana, participando de eventos ligados ao festival e sendo alvo de gritos e pedidos de *selfies* pelo público.

Outros filmes selecionados contribuíram para a movimentação de astros, consideravelmente maior do que em anos anteriores. *Sonhar com Leões* trouxe Denise Fraga a Gramado, enquanto a atriz Bella Campos, atração da TV aberta no *remake* da novela *Vale Tudo*, integra o elenco do premiado *Cinco Tipos de Medo* - que também atraiu a atenção do público mais jovem pela presença do rapper Xamã, em sua estreia cinematográfica. Fora de competição, a exibição do primeiro capítulo da série *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente* levou ao tapete vermelho famosos como Bruna Linzmeyer e Icaro Silva - e, como parte da equipe de jurados ou da curadoria, nomes como Edson Celulari, Isabel Fillardis, Caio Blat e Camila Morgado também marcaram presença.

Nos corredores, a presença de famosos foi vista como positiva, sinal de recuperação do festival (e da cidade) após os impactos pesa-



Rodrigo Santoro foi homenageado pelo festival com o Kikito de Cristal

dos da pandemia e das enchentes do ano passado. Depois de anos em que a badalação perdeu força na alquimia de Gramado, o *glamour* finalmente deu sinais de estar retornando - o que abre um sorriso no rosto do setor econômico gramadense, mas também é boa notícia para quem vive do cinema.

“Em 2012, quando a Gramado Tour convida José Wilker, Rubens Ewald Filho e eu para uma nova curadoria, essa questão já era fundamental, porque havia a percepção de que os filmes anteriores estavam afastando as pessoas do

tapete vermelho”, lembra o curador Marcos Santuário. “O festival não é nosso, da curadoria: ele é de Gramado, ele pertence a Gramado. O evento é um grande produto, e a gente traz um conteúdo para esse evento. Mas sem uma dicotomia, uma separação entre o tapete e a tela. Quem passar pelo tapete vai estar na tela. E quem for reconhecido ao passar no tapete não vai ser uma celebridade vazia da contemporaneidade: vai ser porque tem talento, contribui com a indústria e faz parte de uma representação potente do cinema brasileiro.”

## Buscando um bom caminho

Embora seja sempre retrato de momento do cinema brasileiro, Gramado é também uma seta para o futuro. Não apenas por abrir a porta e a tela para realizadores que trazem a novidade às salas do País e do exterior, mas por encorajar discussões sobre o cinema que está por vir, em especial no Conexões Gramado Film Market, que promoveu debates e mesas de negócio em paralelo às exibições de filmes. Em um momento de efervescência, com o Oscar na estante e o mundo prestando atenção em nosso cinema, é natural que haja certo entusiasmo - embora não sejam poucas as vozes advertindo que ainda há muito a ser feito.

“São submetidos cerca de 1.200 roteiros por ano (aos editais de fomento ao audiovisual), e apenas uns 30 vão entrar de fato em produção. O Brasil lança mais de 200 filmes por ano, mas o *market share* vai ficar com 5 deles e os outros 195 não serão vistos por quase ninguém. Isso me dói, não se constrói uma forma de valorizar esses filmes como merecem”, lamenta Mariza Leão, uma das mais importantes produtoras do nosso cinema e que recebeu o troféu Eduardo Abelin. “Hoje, realizadores e produtores experientes disputam com os novatos os mesmos espaços, os mesmos financiamentos. Isso não é justo com quem está começando, e também não é justo com quem está na luta há muito tempo. A gente corre risco de estar se enganando que um Oscar ou um Urso em Berlim são demonstrações de potência, e

que isso basta. A potência existe, mas a solução não está aí (nas premiações)”, adverte.

“Eu espero que esse sentimento fique, não é? Que as pessoas realmente se interessem não só pelos filmes brasileiros que vão para o Oscar, mas também por conhecer esses outros filmes do Brasil, filmes que não são do eixo Rio-São Paulo”, pondera Rafaela Camelo, diretora de *A Natureza das Coisas Invisíveis*. “É preciso pensar que há muita coisa sendo produzida, e a gente que está próximo do cinema sabe que um filme leva, às vezes, seis anos ou mais para ser feito. Aí vemos alguns comentários do tipo ‘agora o cinema brasileiro vai decolar’, mas pô, o filme já estava sendo produzido, já está na pista para decolar há muito tempo. Estamos vivendo, sim, um grande momento, mas é algo que a gente não pode deixar de alimentar.”

“Festival não é só exibição, é negócio também”, reforça Marcos Santuário. “Posso te garantir que, nesses 10 dias (de evento), já temos negócios saindo, novos filmes já estão sendo projetados, pensados, organizados, estruturados. Tem gente já se preparando para escrever roteiros que nascem, como projeto, aqui em Gramado e que vão gerar produções mais tarde. Essa também é função do festival, servir como um estímulo e um espaço para novas iniciativas e novas carreiras no audiovisual. Se conseguirmos juntar isso com esse sentimento positivo em torno do cinema brasileiro, vamos estar em um bom caminho”, conclui.



*Cinco Tipos de Medo*, de Bruno Brini (centro), foi o melhor longa brasileiro

**Igor Natusch** é jornalista e escritor e atua como editor de Cultura do Jornal do Comércio. Nos anos de 2019 e 2020, conquistou o primeiro lugar no Prêmio ARI de Jornalismo, na categoria Reportagem Cultural.